

# Os personagens

• Fernando Henrique avisou que não falaria como presidente, e sim como militante. Mas como o cargo é inesquecível, ele oscilou entre os dois personagens. Certamente o militante estava na frase que desafiou o mercado: "Que ponham o sarrafo onde quiserem, nós vamos cuidar do crescimento do Brasil." O presidente estava nas críticas à CPI dos bancos e ao entulho burocrático.

Às vezes, uma frase do militante era logo corrigida por outra do presidente.

— Agora é tratar de baixar as taxas de juros e crescer. Mas só podemos baixar os juros se aumentarmos a governabilidade. Ninguém é irresponsável.

Quem quiser interpretar o que o presidente falou ontem pelo lado das críticas ao mercado, terá frases fortes confirmando este inconformismo. O mercado na sua visão exige sempre mais, metas cada vez mais altas.

Quem quiser achar suas críticas ao Congresso também encontrará.

Ele defendeu o Proer, arma usada para acabar com a crise bancária que se espalhou pelo país, após a queda da inflação e que agora está sendo condenada pela CPI dos bancos.

— Naquela crise, o Proer foi a salvação da lavoura e agora o Congresso fez o que fez!

Ele defendeu o oposto do que a Câmara propõe para a reforma tributária:

— Para que constitucionalizar imposto? Vamos de novo colocar na Constituição os detalhes? Por que não dar apenas as regras gerais? Assim nós consolidamos a governabilidade.

Os desenvolvimentistas e nacionalistas ouviram um presidente que disse que o Brasil tem um projeto, já está em condições de retomar o crescimento, precisa do capital produtivo, quer baixar as taxas de juros e não pensa em tocar na vaca sagrada:

— Nós privatizamos, mas o que era fundamental nós deixamos no Estado. A Petrobras nós não privatizamos, nem vamos privatizar.

Os mais preocupados com a área fiscal puderam ouvir que é fundamental evitar o crescimento da dívida interna. Que isto não é imposição do FMI, é promessa feita ao país no discurso do Itamaraty (em setembro do ano passado).

Os favoráveis do projeto de inserção do Brasil na economia internacional o viram desdenhar dos meios que demonstram alguns integrantes do seu partido.

— Houve uma profunda transformação no consumo. Triplicaram os investimentos em bens de capital. A produtividade cresceu a taxas nunca vistas. Sucateia-

ram a indústria? Que bobagem! Desnacionalizaram a economia? Não! A economia se internacionalizou! Houve uma transformação do parque industrial.

Os defensores e críticos da máquina de Estado também tiveram seu quinhão no discurso de ontem. Ele criticou o que chamou de "entulho burocrático", o atraso entre a sua determinação e a ação do Governo. Mas também fez seus elogios aos órgãos públicos:

— A Embrapa é um colosso! Todo dia cria uma semente nova, uma tecnologia nova. Com ela estamos melhorando o nosso agribusiness, a qualidade do nosso rebanho.

Fernando Henrique pediu que o criticassem, que os militantes criticassem o Governo.

— Não podemos ter auto-indulgência.

E ao mesmo tempo cobrou compromisso com o Governo:

— Ou o PSDB assume que temos futuro, entende e defende o que estamos fazendo, ou então não ganharemos eleições futuras, não teremos um lugar na História.

O presidente Fernando Henrique não estava apenas tentando agradar aos diversos públicos do seu partido. Ele está convencido que este é o papel de um partido social-democrata: reformar o Estado e fortalecer o novo papel do Estado. Ontem ele encontrou até justificativas para as mudanças de ideia do partido que tem apenas 11 anos:

— Desde a criação do partido nós defendemos o crescimento. Nós não tínhamos ainda a preocupação do orçamento equilibrado. Discutíamos a substituição de importação num mundo que já era diferente, que estava se globalizando. Mas o PSDB foi o único partido que defendeu a necessidade de capital estrangeiro e privatização.

E como imaginava que pudessem duvidar, recomendava que fossem ao documento de criação do partido para ver que lá encontrariam estas bandeiras liberais.

No final admitiu que o militante falara mais que o presidente.

— Hoje estou tomando algumas liberdades. Falei com a liberdade que eu não tenho mais.